

## PAPEL FORMATIVO DA FILOSOFIA

A proposta de organização desse dossiê temático, preocupado em discutir o papel formativo da filosofia está associada à constatação de que, ao mesmo tempo em que, no atual contexto nacional e internacional, propostas educativas tendem a privilegiar um modelo de formação escolar de caráter mais técnico e pragmático, voltado para o mercado de trabalho, a preocupação com uma formação mais geral, particularmente das novas gerações, tem reavivado a discussão sobre a importância e a necessidade de subsídios filosóficos nos currículos dos diversos níveis e modalidades dos cursos do ensino escolar.

A proposta do presente dossiê visa então abrir espaço para que se possa debater a problemática da contribuição formativa que a filosofia pode dar para o equacionamento da mesma, desde o ensino fundamental até a pós-graduação. Coloca-se, então, em pauta o sentido da formação humana, no conturbado cenário cultural contemporâneo.

Panorama esse que se mostra, inclusive, muitas vezes marcado pela barbárie e pela ruína social. Imagens e notícias que nos chegam a toda hora e trazem à tona os malefícios da sordidez e da desesperança que esse momento macabro reservou para a história da humanidade.

Como não ficar indignado com a nossa impotência política e social no exato instante em que milhões de seres humanos, provenientes de diferentes regiões do mundo, particularmente, do Oriente Médio, da África, da Ásia, são transformados em farrapos humanos, náufragos das incertezas quanto ao seu mais elementar destino e lançados ao flagelo da condição de refugiados que poucos se dispõem a asilar! Nossa consciência parece estar à deriva, prestes a perecer como as crianças sírias que foram lançadas ao mar!

No Brasil, o abandono aos valores morais e éticos também são muito visíveis na nossa cotidianidade política e social. Jovens são alvejados e friamente mortos diariamente nas periferias das grandes cidades; convivemos com a violência doméstica, sexual e racial como se fossem eventos pro-saicos, naturalizados; não bastasse isso tudo, os idosos são impiedosamente tratados e esquecidos ao relento; as autoridades do Estado se corrompem, parecem alheias aos problemas que perturbam os cidadãos e o senso co-

mum parece ter razão: são todos iguais! A sina de que a questão social é caso de polícia parece não querer nos abandonar!

Inquietações como essas e tantas outras que possam ser lembradas nos fazem perguntar: a filosofia tem um papel a cumprir nesta etapa histórica que a humanidade atravessa no Ocidente; a relação da filosofia com a realidade escolar tem algo a nos dizer e contribuir com a formação de representantes da humanidade que não virem às costas para os seus próprios semelhantes?

Os manuscritos que compõem o dossiê deste número, bem como os do próximo número de *Eccos* – Revista Científica procuram oferecer subsídios para reflexões que podem auxiliar na busca de alguma resposta às questões acima postas.

O artigo *A apropriação de uma fé filosófica como intenção formativa de Karl Jaspers, de Ferdinand Röhr*, apresenta ideias do filósofo alemão, nas quais o papel formador da filosofia é apresentado como antídoto a todas as formas de reducionismo e dogmatismo. Este antídoto deve poder levar as pessoas ao alcance de uma fé filosófica própria a qual tem grande peso na formação humana em tempos de insegurança generalizada. É salientada a indicação de Jaspers para que a educação ofereça aos educandos a atitude de rejeitar a posição de simples seguidores de quaisquer ideias, buscando construir um pensamento autônomo, pois há necessidade de cada um conquistar a própria fé filosófica para viver dignamente sua humanidade.

Em *Formação de professores de filosofia: proposições para o debate*, o professor Junot Cornélio Matos traz questões e provocações relativas à formação de professores de filosofia. Se a filosofia tem um papel formativo e os professores de filosofia são mediadores desta possibilidade formativa da filosofia, como pensar sua formação? Há problemas nos percursos formativos destes profissionais, como a fragmentação na organização dos cursos que lhes oferecem formação para o magistério, assim como o seu descolamento em relação à escola básica e aos problemas que envolvem esta formação. Chama-se a atenção para o fato de que o ensino de filosofia envolve, no mínimo, dupla dimensão: o da formação de um docente educador e o da formação de um docente para um ensino filosófico. O texto caminha por estas questões e provoca para a reflexão sobre esta formação fundamental dos professores de filosofia.

O artigo A filosofia para (re)significar ou não a existência, dos educadores Jorge Alves de Oliveira e Marcos Lorieri, parte de uma ideia rica buscada em Walter Benjamin que é a do papel da aura e dos vestígios, porquanto, “é preciso retirar a aura e enfrentar os caminhos repletos de vestígios”, diz o texto e, nele, também é dito que não é fácil a aventura de recolher, de juntar, de significar os vestígios. A filosofia tem sido carregada de auras que, ou enganam, ou obscurecem o que pode oferecer aos humanos, em especial aos humanos jovens. Um bom ensino de filosofia deve fazer convites ao filosofar, poi, é neste convite que se encontram os vestígios a partir dos quais se pode buscar o seu bom papel formador. Que não haja temores por conta de certas auras e nem se percam de vista os bons vestígios que indicam possibilidades formativas do trabalho com a filosofia nas escolas.

Criticidade e educação filosófica: a formação humana pelo diálogo e problematização, do professor Darcísio Natal Muraro, apresenta um bom percurso de reflexão a partir de ideias de Paulo Freire, especialmente as de criticidade e de diálogo, e as apresenta, juntamente com outras, como indicadoras de caminhos formativos a serem seguidos no trabalho de ensino de filosofia na educação básica. Propõe conceber a educação, em geral, como “alfabetização filosófica”, o que implica um trabalho de pensar crítico a respeito da existência humana e de tudo o que nela está implicado. Com relação à concepção de criticidade de Freire, diz que sua contribuição reside na indicação de que a mesma não consiste em julgamentos apressados e ingênuos sobre o mundo ou em análises racionalizadas, intelectualistas, mecanicistas e neutras. Mas deve ser um ingrediente central de um modo de agir dialógico que abarque as dimensões antropológica, histórica, epistemológica, ética, política e educacional. Sua contribuição formadora dirige-se ao pensar e ao agir no mundo e com o mundo, expresso no neologismo “formagir” que quer indicar um modo de vida dialógico e problematizador em que se articulam as dimensões apontadas acima.

Nos escritos A contribuição da produção acadêmica sobre o ensino de filosofia no ensino médio e o caráter formador indispensável desse componente curricular, de Branca Jurema Ponce e Francisco Valmir Soares Mineiro, temos os resultados de pesquisa sobre a produção acadêmica brasileira relativa ao tema da presença e do papel do componente curricular filosofia no ensino médio, no período de 2004 a 2013. É mostrado em

que instituições e regiões do Brasil a construção de conhecimento sobre o tema ocorreu neste período e o comprometimento das áreas da filosofia e da educação com esta produção. É constatada a ampliação do interesse da comunidade acadêmica na temática relativa ao ensino da filosofia no médio e ao possível papel formador deste ensino. Ao mesmo tempo, indica a necessidade de aprofundamentos, em especial à necessidade de maior envolvimento das áreas da filosofia e da educação buscando, cada vez mais, consistência filosófica e pedagógica relativa ao caráter formador da filosofia.

Além dos artigos que compõem este dossiê, no presente número, há outros que apontam para a riqueza e a diversidade temática que se tem produzido na área da educação. São eles: *Contribuciones para una ontoepistemología de la vivencia en educación*, de Maria Veronica Lopez Romorini; *Ensino fundamental de nove anos: discurso de diretoras, professoras e coordenadoras pedagógicas*, de autoria de Esméria Lourdes Saveli; *Revalidação de diplomas de cursos de graduação: uma análise da política em construção*, estudo que foi realizado pelas professoras Jullie Cristhie Conceição e Giselle Cristina Martins Real; *Educação integral, formação de educadores e universidade: desafios e possibilidades*, de Orlandil Lima Moreira, Alexandre Magno Tavares Silva e Maria Margareth Lima; *Arqueologia da memória: reflexões a partir de Christoph Türcke*, dos professores José Luís Vieira de Almeida e Marcela Lopes Homes; *Gestão escolar e conselho de escola, que relação é esta? Um estudo em busca de novas formas de cooperação entre escola-comunidade*, reflexão que nos foi oferecida pelas educadoras Dulcinéia de Fátima Ferreira, Maria Carla Corrochano e Kelen Christina Leite e, finalmente, no encerramento do volume, temos *A filosofia como uma das fontes do pensamento complexo de Edgar Morin: a importância da dialógica cultural*, manuscritos de autoria da professora Cleide Rita Silvério de Almeida.

Boa leitura a todos!

**Antonio Joaquim Severino**

**Carlos Bauer**  
Editores